

ESTUDOS DE
SEMÂNTICA

TÍTULO	Estudos de Semântica
COORDENAÇÃO	Purificação Silvano António Leal
EDITOR	Faculdade de Letras da Universidade do Porto Centro de Linguística da Universidade do Porto
CONCEÇÃO GRÁFICA	Invulgar - Artes Gráficas
ANO DE EDIÇÃO	2015
TIRAGEM	150 exemplares
ISBN	978-989-8648-42-6
DEPÓSITO LEGAL	403155/15

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projeto Pest - OE/LIN/UI0022/2014

Sobre a iteração do Pretérito Perfeito Composto em Português Europeu¹

Fátima Oliveira
António Leal

0. Introdução

O Pretérito Perfeito Composto do Indicativo (doravante, PPC) em Português Europeu (doravante, PE) é um tempo gramatical que evidencia certas peculiaridades, que o distinguem de outras variedades do Português e de outras línguas, nomeadamente das línguas românicas, em que existem construções gramaticais semelhantes. Estas características tornam este tempo verbal de particular importância, na medida em que levanta questões de difícil resposta. Deste modo, torna-se evidente o interesse que tem sido demonstrado, nos últimos tempos, por este tempo gramatical, patenteado na diversidade de trabalhos publicados, sob diversas perspetivas, que vão desde a sua evolução histórica até à sua relação com construções semelhantes em línguas mais ou menos aparentadas, passando, naturalmente, pela sua descrição e caracterização.

O trabalho que aqui se apresenta tem dois objetivos principais. Em primeiro lugar, pretende-se proceder a uma caracterização do PPC em PE, apontando alguns aspetos menos exatos que têm sido referidos em literatura recente sobre este assunto. Em segundo lugar, é nossa intenção apresentar uma proposta de justificação teórica para o traço semântico do PPC que mais tem sido posto em evidência: a sua iteratividade.

Este trabalho tem a seguinte estrutura. Principiaremos por abordar a questão da caracterização geral do PPC. Num segundo momento, debruçar-nos-emos sobre a sua particularidade mais saliente, a iteratividade, onde serão analisadas as condições em que esta leitura surge, nomeadamente as que dizem respeito a questões temporais, aspetuais e quantificacionais. Numa terceira parte, apresentaremos uma proposta de explicação da iteratividade do PPC, partindo do trabalho de Van Geenhoven (2004) sobre *pluractionals*, reformulado com sugestões que podem ser encontradas em Laca (2006), sobre algumas perífrases aspetuais em Espanhol. De seguida,

¹ Este texto foi anteriormente publicado na revista *Linguística - Revista de Estudos Linguísticos da UP*, 2012, vol.7, n.º 1, pp.65-88.

retomaremos algumas restrições à combinação de certos elementos linguísticos com o PPC e procuraremos esclarecê-las à luz da nossa proposta de explicação do valor iterativo deste tempo gramatical. Terminaremos este trabalho com algumas reflexões relacionadas com os casos em que o PPC não evidencia leitura iterativa.

1. Descrição do PPC em PE

1.1. Considerações gerais

O PPC em PE pode ser descrito, em termos gerais, como um tempo do passado, que se prolonga até ao momento da enunciação, podendo até estender-se para além deste momento. Esta característica do PPC foi já apontada em Barbosa (1822).²

Um outro aspeto a salientar é o facto, também já referido em Barbosa (1822), de o verbo auxiliar no PPC ser apenas “ter” e não permitir, como em todos os outros tempos gramaticais, o verbo auxiliar “haver”.³

Como o ponto de perspetiva temporal do PPC é tipicamente o momento da enunciação, veicula-se que a iteração de situações ou o estado (no caso de não haver iteração) se prolonga até ao momento da enunciação, podendo inferir-se que pode continuar para além deste ponto. Assim, em (1), a iteração de eventos “o João calçar os sapatos” e o estado “o João estar doente” prolongam-se até ao momento da enunciação, inferindo-se que essa iteração de eventos e esse estado se podem prolongar para além desse ponto. Esta constatação é comprovada pela agramaticalidade de frases em que a definição de uma fronteira final para as eventualidades é anterior ao momento da enunciação. Assim, os exemplos (2) são agramaticais na medida em que a fronteira final para as eventualidades tem de se situar no interior do intervalo denotado pelo advérbio “ontem”, o que confirma as observações já feitas também por Barbosa (1822).

- (1) a. O João tem calçado aqueles sapatos.
b. O João tem estado doente.
- (2) a. * Ontem, o João tem calçado aqueles sapatos.
b. * Ontem, o João tem estado doente.

² *Deste tempo não ha mais que huma unica Linguagem, que he a composta do participio perfeito do verbo Ser e do auxiliar Ter; como Tenho sido. O auxiliar nota manifestamente hum tempo presente, e o participio Sido denota huma existencia da qual ja nada resta, e assim acabada a respeito da epocha atual, em que estou falando.*

Pelo que esta Linguagem pôde-se dizer de qualquer tempo passado, cujo periodo venha a acabar na epocha presente: Posso dizer: Hoje, Esta semana, Este anno, Muitos anos tenho sido Spectador de grandes acontecimentos. Mas não a posso dizer de tempo algum preterito, cuja epocha tenha expirado antes da presente. Não posso dizer: Hontem, A semana passada, Há dous anos tenho lido este livro, O seculo passado tem sido fertil em acontecimentos. Devo dizer: Li este livro, Foi fertil em acontecimentos. Comtudo nossos Grammaticos confundem em hum estes dous tempos, dizendo Li, ou Tenho lido. Barbosa (1822:212-213)

³ Para uma perspetiva diacrónica desta questão, veja-se Amaral & Howe (2012).

No entanto, em alguns casos, a marcação da fronteira final pode ser feita por um elemento linguístico num momento posterior ao momento da enunciação, como em (3). Contudo, esta possibilidade parece estar restringida apenas aos casos de eventos delimitados. Deste modo, a agramaticalidade ou a difícil aceitabilidade de (4) *dever-se-á* ao facto de estarmos perante um processo, em (4a), e um estado, em (4b). Note-se, no entanto, que, em (4a), a possível aceitabilidade se relaciona com o facto de se poder encarar “correr” como uma corrida de extensão delimitada (um tipo de corrida).

- (3) Quando a Maria chegar, já o João tem almoçado.
(4) a. */??? Quando a Maria chegar, já o João tem corrido.
b. * Quando a Maria chegar, já o João tem estado no jardim.

É de salientar, a este respeito, que, em Laca (2010), se refere que esta possibilidade de leitura de não inclusão do momento da enunciação (leitura não universal, nas palavras da autora) está vedada ao PPC em PE. Ou seja, em PE, o PPC não poderia ter uma leitura de posterioridade em relação ao momento da enunciação. No entanto, o exemplo dado em Laca (2010:8) para ilustrar essa impossibilidade é perfeitamente gramatical em PE, tal como está atestado em Peres (1996b:4) relativamente ao mesmo exemplo:

- (5) Quando a Ana regressar de Groningen, já tu tens acabado a tese.

Um outro aspeto a ter presente é a não definição da fronteira inicial do estado ou da iteração de eventos. Assim, em (6), a predicação pode ser modificada por qualquer um dos adverbiais, independentemente de ser definida uma fronteira inicial distante (“nos últimos anos”) ou próxima (“nos últimos minutos”) do momento da enunciação.

- (6) {Nos últimos anos/ nas últimas semanas/ nos últimos minutos}, o mar tem chegado até ao paredão.

Uma outra característica do PPC em PE prende-se com o facto de não evidenciar leitura resultativa, nem poder ser considerado um tempo verbal perfetivo, na linha do que é defendido em Moens (1987) ou Kamp & Reyle (1993), e diferentemente do que se postula em Squartini & Bertinetto (2000), em que se considera que o PPC é um perfetivo com traços de imperfetividade. Existe, no entanto, em PE, uma construção, muito semelhante ao PPC, que é claramente perfetiva: a construção *ter + participio flexionado*. Esta construção, de natureza sintática e semântica diferente, é formada pela combinação do verbo pleno “ter” em qualquer tempo, seguido de um objeto direto e de uma forma participial que concorda com a expressão nominal objeto direto em género e número. (7a) corresponde à construção de PPC, enquanto (7b) corresponde à construção *ter + participio flexionado*.

- (7) a. O João tem lido os livros/as revistas.
b. O João tem os livros lidos/ as revistas lidas.

Contudo, enquanto o PPC se pode combinar, com poucas restrições, com todas as classes aspetuais, como se pode ver em (8), a construção *ter + participio flexionado* restringe-se aos casos em que existe um objeto direto e a predicação básica denota, do ponto de vista aspetual, uma eventualidade télica. Desta forma, esta construção está limitada a processos culminados e culminações, como se ilustra em (9). A existência desta construção e as diferenças relativamente às restrições apresentadas evidenciam que a proposta de Giorgi & Pianesi (1997), que consideram que “ter” nas construções de PPC é um verbo pleno, não é adequada.

- (8) a. O Rui tem adorado os filmes do Tarantino. (estado)
- b. O polícia tem perseguido os ladrões. (processo)
- c. O polícia tem lido a revista. (processo culminado)
- d. A Maria tem fechado a janela do quarto. (culminação)
- e. O polícia tem piscado o olho à testemunha. (ponto)
- (9) a. * O Rui tem os filmes do Tarantino adorados. (estado)
- b. * O polícia tem os ladrões perseguidos. (processo)
- c. O polícia tem a revista lida. (processo culminado)
- d. A Maria tem a janela do quarto fechada. (culminação)
- e. * O polícia tem o olho piscado à testemunha. (ponto)

De referir, a este respeito, que, em Laca (2010), se defende que o PPC em Português não teria leitura resultativa porque teria surgido ao mesmo tempo uma construção semelhante, a de *ter + participio flexionado*, que seria semanticamente idêntica à origem latina da construção românica, ou seja, a *haver + participio*. Esta construção teria impedido que *ter + participio não flexionado* adquirisse leitura resultativa, fazendo com que se especializasse em leituras universais. Contudo, este argumento não explica por que motivo a construção com participio não flexionado não pode ter leitura resultativa nos (numerosos) casos em que não há possibilidade de ocorrência de *ter + participio flexionado*, uma vez que esta última construção está restringida aos casos em que existe um objeto direto e a predicação é, aspetualmente, télica. Vejam-se (9a), (9b) e (9e), em que existem complementos diretos, mas as classes aspetuais não são télicas.

Ainda a propósito da distinção destas construções, parece-nos pertinente apontar algumas especificidades do participio em PE. É normalmente dito que, quando os verbos apresentam participios duplos⁴, a forma selecionada nos tempos compostos é a regular. Para além disso, em Amaral & Howe (2012) refere-se que a forma regular ocorre no PPC enquanto a irregular ocorre na construção resultativa, tal como os seus exemplos ilustram:

- (10) a. Tenho acendido/*aceso velas.
- b. Tenho a vela acesa/*acendida.

No entanto, esta associação do participio regular ao PPC e do participio irregular

⁴ Verbos abundantes, na designação de Cunha & Cintra (1984).

à construção resultativa não é totalmente válida, na medida em que, tal como é referido em Duarte & Oliveira (2010), quando se trata de um verbo muito frequente e ainda existe competição entre a forma regular e a irregular, a forma regular tem tendência a desaparecer, sendo sistematicamente usada a forma irregular, mesmo no PPC, como os exemplos das autoras em (11) ilustram:

- (11) a. A Maria tem limpo/pago/entregue o fato na lavandaria.
b. A Maria tem ?limpado/*pagado/?entregado o fato na lavandaria.

Por outro lado, quando o verbo é pouco frequente e ainda existe competição entre a forma regular e irregular, ambas as formas são possíveis na construção resultativa, como se pode ver em (12):

- (12) a. A aldeia ficou submergida/submersa.
b. Submergida/submersa a aldeia, nunca mais os seus habitantes lá voltaram.

Numa outra linha de argumentação, Giorgi & Pianesi (1997) defendem que o PPC em Português denota um hábito e que o verbo “ter”, nesta construção, é um verbo pleno. Para além disso, haveria um operador nulo de genericidade subjacente à oração participial complemento de “ter”, justificando desta forma a repetição (iteração) das eventualidades básicas. Contudo, esta proposta, entre os vários problemas que apresenta, (i) não dá conta da fundamentação sintática para considerar o verbo “ter” como verbo pleno nesta construção, mas auxiliar nas restantes; (ii) não explica por que motivo não há repetição das eventualidades básicas em todos os contextos, ou seja, por que motivo há operador de genericidade nuns casos, mas não em outros casos, como o que é ilustrado em (13); (iii) não justifica as diferentes possibilidades de ocorrência e as diferentes leituras atribuídas ao PPC e à construção *ter + participio flexionado*, as quais, de acordo com esta proposta, não deveriam evidenciar diferenças. Veja-se que (14a), construído com PPC, é gramatical, mas que (14b) não o é com a construção *ter + participio flexionado*. Acresce que esta proposta evidencia não fazer a distinção entre iteração e habitualidade (cf. Cunha 2006a). Com efeito, o PPC pode ocorrer em frases habituais, como em (15); contudo, essa leitura não é conferida pelo PPC, mas pela oração temporal, tal como se pode verificar em (15b), com alteração do tempo verbal.

- (13) A Maria tem estado doente. (um único estado de “estar doente”)
(14) a. O João tem almoçado sopa.
b. * O João tem sopa almoçada.
(15) a. Ultimamente, ele tem atendido o telefone sempre que lhe ligo.
b. Ultimamente, ele atende /atendeu o telefone sempre que lhe ligo/liguei.

1.2. A iteração no PPC: condições para o seu surgimento

Tal como foi referido no início da secção anterior, o PPC em PE evidencia tipicamente uma leitura iterativa (cf. Campos, 1984; Peres, 1996a; Peres, 1996b; Oliveira, 2003; Molsing, 2010; Amaral & Howe, 2012, entre outros), o que não

se verifica em construções similares noutras, línguas românicas (e.g. Espanhol peninsular, Francês, Italiano) e germânicas (e.g. Inglês). Assim, em (16), a leitura por defeito é a de que houve apenas uma ocorrência do evento “a Maria tossir”, mas, em (17), a leitura é a de que houve várias ocorrências, em número indeterminado, do evento “a Maria tossir”.

(16) A Maria tossiu.

(17) A Maria tem tossido.

Neste sentido, iremos ver em que condições surge essa iteração.

1.2.1. O ponto de perspetiva temporal

A leitura iterativa só está presente nos casos em que o ponto de perspetiva temporal coincide com o momento da enunciação (cf. Campos, 1984; Peres, 1996b; Oliveira, 2003). Contudo, como foi já referido, há casos em que comparece o PPC e o ponto de perspetiva temporal é definido por um outro elemento linguístico com valor temporal, situando-se após o momento da enunciação. Nestes casos, a predicação tem uma leitura de evento único, ou seja, não há iteratividade. Veja-se novamente o exemplo (3), agora reenumerado como (18). Neste caso, o ponto de perspetiva temporal para a avaliação da oração principal é dado pela oração temporal, a qual estabelece com o momento da enunciação uma relação de posterioridade. Por seu turno, a oração principal estabelece com o seu ponto de perspetiva temporal uma relação de anterioridade, mas, com o momento da enunciação, uma relação de posterioridade. Neste caso, a oração principal tem uma leitura de evento único, o que confirma que o ponto de perspetiva temporal é relevante, pelo menos em PE, para a leitura iterativa do PPC.

(18) Quando a Maria chegar, já o João tem almoçado.

1.2.2. O tipo aspetual da predicação

O PPC em PE evidencia leitura iterativa quando o tipo aspetual da eventualidade básica é um evento, como (19)-(22) ilustram.

(19) O rapaz tem tossido. (ponto)

(20) O rapaz tem atravessado a ponte sobre o Tejo de comboio. (processo culminado)

(21) O rapaz tem corrido no parque da cidade. (processo)

(22) O rapaz tem fechado a janela do quarto. (culminação)

Para além disso, o PPC pode ainda ter leitura iterativa quando combinado com estados, exceto se estes forem predicados de indivíduo não faseáveis (cf. (23)-(26)).

(23) *O rapaz tem tido olhos azuis. (predicado de indivíduo; não faseável)

(24) O rapaz tem sido preguiçoso. (predicado de indivíduo; faseável)

(25) O rapaz tem estado no jardim. (predicado de estádio; não faseável)

(26) O rapaz tem estado indisposto. (predicado de estádio; faseável)

Embora a leitura iterativa seja a leitura por defeito, não é a única possível. Por exemplo, em (27a), a leitura preferencial é a de que houve um número indeterminado de situações “o rapaz estar no jardim”, mas, em (27b), a leitura preferencial é a de que houve apenas uma ocorrência dessa eventualidade. Esta divergência relaciona-se com a extensão do intervalo temporal que é relevante. De facto, em (27a), o intervalo denotado por “nos últimos tempos” é maior do que o que é relevante em (27b), denotado por “na última meia hora”.

- (27) a. O rapaz tem estado no jardim nos últimos tempos.
b. O rapaz tem estado no jardim na última meia hora.

Esta alternância de leituras que surge com estados no PPC pode ser explicitada por advérbios que indiquem, inequivocamente, se estamos perante uma iteração de eventualidades (*de modo intermitente, intervaladamente*), ou perante uma única eventualidade (*de forma contínua, constantemente*). Vejam-se os exemplos seguintes:

- (24') O rapaz tem sido preguiçoso {constantemente / de modo intermitente}.
(25') O rapaz tem estado no jardim {constantemente / de modo intermitente}.
(26') O rapaz tem estado indisposto {constantemente / de modo intermitente}.

Em suma, a leitura iterativa está condicionada por fatores de natureza aspetual, em particular a distinção evento/estado. Para além disso, contrariamente ao que surge em alguma literatura a propósito deste tempo em PE, tal leitura não é a única disponível quando a eventualidade é de tipo estativo.

1.2.3. Ocorrência de expressões nominais quantificadas

O surgimento da leitura iterativa é condicionado ainda pela natureza semântica do complemento direto. Assim, nestas condições, podem ocorrer, por exemplo, expressões nominais determinadas, quantificadas com quantificadores existenciais, proporcionais (“muitos”) ou não (“alguns”), com o quantificador universal “todos os” e ainda meros plurais (cf. (28a)). Pelo contrário, não podem ocorrer expressões quantificadas com quantificadores numerais (cf. (28b)).⁵

- (28) a. Tenho visto {bons jogadores/muitos bons jogadores/alguns bons jogadores/os bons jogadores/todos os bons jogadores} de futebol.
b. * Tenho visto três bons jogadores de futebol⁶.

Note-se que esta restrição não se aplica às expressões com a função de sujeito,

⁵ O quantificador universal “cada” evidencia um comportamento particular. Expressões quantificadas com este operador não podem ocorrer como complemento direto, como em (i). No entanto, estas restrições parecem não ter a ver com o PPC, na medida em que surgem também com a forma simples, como se pode ver em (ii).

(i) * Tenho visto cada bom jogador de futebol.

(ii) * Vi cada bom jogador de futebol.

⁶ Com leitura não específica.

caso em que podem ocorrer inclusivamente quantificadores numerais, como se pode ver em (29), contrariamente ao que é defendido em Amaral & Howe (2012).

- (29) a. Têm aparecido três gatos no meu jardim.
b. Três crianças têm brincado com o Mateus.

No entanto, há a notar, em relação a (29), que a leitura preferencial da expressão “três gatos” e “três crianças” é a específica. Contudo, se se adicionar um adverbial de frequência, a leitura preferencial passa a ser a não específica.

- (29') a. Têm aparecido três gatos no meu jardim todas as semanas.
b. Três crianças têm brincado com o Mateus todas as semanas.

Note-se ainda que a compatibilidade do PPC com sujeitos quantificados está de certa forma dependente do facto de a eventualidade básica poder ser repetida. Assim, com um verbo como “nascer”, está vedada a ocorrência de sujeitos com quantificadores cardinais, como se pode ver em (30). Este exemplo só seria aceitável se tivesse uma leitura taxinómica, ou seja, se o nome “gato” denotasse tipos ou raças de gatos.

- (30) * Têm nascido três gatos no meu jardim.

Por fim, é de salientar que, no caso de complementos diretos no singular que sejam descrições definidas, o PPC pode ter uma leitura imperfetiva, se for possível estabelecer uma relação entre partes da entidade denotada pela descrição definida e subeventos da mesma natureza. Assim, em (31), infere-se que houve várias ocorrências de “ler (partes de) o livro que lhe ofereci” e que a leitura do livro não chegou ao fim.

- (31) O meu sobrinho tem lido o livro que lhe ofereci.

1.2.4. Ocorrência de modificadores adverbiais

Há também restrições relativamente ao tipo de modificação adverbial que pode ocorrer. Assim, podem ocorrer expressões com quantificadores existenciais vagos (cf. (32a)), mas não quantificadores cardinais (cf. (32b)), exceto se a leitura licenciada for não a de contagem de situações, mas a de frequência, dada, em (32c), por “por semana”.

- (32) a. Tenho atravessado a ponte sobre o Tejo {muitas vezes/algumas/várias vezes}.
b. * Tenho atravessado a ponte sobre o Tejo três vezes.
c. Tenho atravessado a ponte sobre o Tejo três vezes por semana.

O exemplo (32a) é um contraexemplo relativamente ao que é defendido em Laca (2010), em que a autora refere que o PPC em PE não admite combinação com

adverbiais de contagem vaga.⁷

Vejam algumas das possibilidades de combinação do PPC com expressões quantificacionais, nos casos em que as expressões de quantificação não têm, no seu escopo, a eventualidade em que ocorre o PPC.

O primeiro aspeto a salientar é o facto de, quando os nomes que denotam unidades temporais (“dia” e “vez”) ocorrem sem modificação, haver restrições relativamente à possibilidade de combinação com os quantificadores. Assim, o quantificador universal “todos os” pode combinar-se com “dias”, mas não com “vezes” (cf. (33) e (38)). Pelo contrário, o quantificador existencial “alguns” pode combinar-se com “vezes”, mas não com “dias” (cf. (34a) e (39)). Contudo, se a expressão quantificada com “alguns” estiver integrada numa quantificação de frequência, a frase em que ocorre já será gramatical (cf. (34b)).

A combinação das unidades temporais “vezes” e “dias” com quantificadores cardinais é regular. Assim, a sua ocorrência é agramatical (cf. (35a) e (40a)), exceto se se denotar quantificação de frequência (cf. (35b) e (40b)).

A combinação com o quantificador universal distributivo “cada” é também regular, na medida em que o resultado é sempre agramatical, mesmo quando se expressa frequência (cf. (36) e (41)).

Por fim, a combinação com quantificadores de grau é assimétrica, dado que se combinam sem restrições com “vezes” (cf. (42)), mas não com “dias”; neste segundo caso, é necessário que se expresse quantificação de frequência (cf. (37a) e (37b)).

- (33) O João tem visto a Maria todos os dias.
- (34) a. *O João tem visto a Maria alguns dias.
b. O João tem visto a Maria alguns dias por semana.
- (35) a. *O João tem visto a Maria três dias.
b. O João tem visto a Maria três dias por semana.
- (36) *O João tem visto a Maria {cada dia/ cada dia por semana}.⁸
- (37) a. * O João tem visto a Maria poucos dias.
b. O João tem visto a Maria poucos dias por semana
- (38) *O João tem visto a Maria todas as vezes.⁹
- (39) O João tem visto a Maria algumas vezes.
- (40) a. *O João tem visto a Maria três vezes.
b. O João tem visto a Maria três vezes por semana.
- (41) *O João tem visto a Maria {cada vez/ cada vez por semana}.¹⁰
- (42) O João tem visto a Maria poucas vezes.

Em síntese, verifica-se que, relativamente aos quantificadores universais, “todos

⁷ Laca (2010:11) apresenta o seguinte exemplo, que é gramatical em PE:

(i) Eu tenho visto muitas vezes a sua irmã ultimamente.

⁸ Note-se que o exemplo apresenta maior aceitabilidade com modificação.

(i) ? O João tem visto a Maria cada dia que vai ao Porto

⁹ O exemplo seria gramatical com modificação.

(i) O João tem visto a Maria todas as vezes que vai ao Porto.

¹⁰ Note-se que os exemplos seriam gramaticais com modificação.

(i) O João tem visto a Maria cada vez que vai ao Porto.

os” pode operar em combinação com o PPC, mas não o quantificador distributivo “cada”. Por seu lado, os quantificadores cardinais não podem coocorrer com o PPC, exceto se inseridos em estruturas de frequência. Por fim, os quantificadores existenciais, gradativos ou não, apresentam um comportamento heterogéneo, podendo, na maior parte das vezes, coocorrer com o PPC sem ser necessária a sua inclusão numa estrutura de frequência.

2. Para uma explicação da iteração no PPC em PE

As características anteriormente apontadas relativamente ao PPC em PE sugerem que está em causa, nos casos em que há iteração, uma forma de repetição de situações que se aproxima da frequência. Neste sentido, utilizaremos, num primeiro momento, a proposta de Van Geenhoven (2004) para o estudo de construções de frequência. Esta proposta, como se verá, não se adequa completamente ao tratamento da iteração do PPC em PE, pelo que será necessário proceder a uma reformulação. Para isso, utilizaremos a proposta de Laca (2006) que, com base na anterior, foi elaborada para dar conta de algumas perífrases aspetuais com gerúndio em Espanhol.

2.1. O PPC enquanto exemplo de *pluractionality*

Uma primeira hipótese de explicação para a iteração do PPC passa por considerar que este tempo gramatical denota uma pluralização de situações. Assim, pode ser colocada a hipótese de esta leitura do PPC poder ser explicada como um caso de pluracionalidade (*pluractionality*), na linha de Van Geenhoven (2004).

Esta autora defende, a partir de dados do Gronelandês ocidental, que certos afixos verbais funcionam como operadores de pluracionalidade. Os *pluractionals* são entendidos como a contrapartida verbal do operador estrela de Link (1983), para os nomes: encerramento (*closure*) de um predicado de átomos sob a operação de soma. Assim, propõe-se que a semântica dos frequentativos pluracionais pode ser captada pelo operador *crystal star*, que foi proposto por Van Geenhoven para a descrição do afixo “-tar” do Gronelandês ocidental:

$$(43) \text{ }^*t V(x) \text{ at } t = 1 \text{ iff} \\ \exists t' (t' \subseteq t \wedge V(x) \text{ at } t' \wedge \text{number } t' > 1 \wedge \forall t'' (t' \subseteq t \wedge V(x) \text{ at } t'' \rightarrow \exists t''' (t''' \subseteq t \wedge \\ (t''' > t' \vee t''' < t') \wedge V(x) \text{ at } t''' \wedge \exists t'''' (t'' < t'''' < t''' \vee t'' > t'''' > t''' \wedge \neg V(x) \text{ at } t'''' \wedge \\ 0 < \text{length}(t'''') \leq n)))$$

em que o valor de ‘n’ é um número de unidades temporais contextualmente determinadas

Van Geenhoven (2004:159)

Para explicar a distribuição de partes de um participante plural por diferentes eventos verbais numa pluralidade de eventos provocada por um operador de pluracionalidade, Van Geenhoven propõe o operador *FREQ-P* (operador de

participante frequentativo). Este operador requer uma multiplicidade de subintervalos verbais e uma multiplicidade de partes individuais de um participante, que se distribuem pela pluralidade de eventos criada pelo operador frequentativo. Além do mais, essa distribuição requer que a expressão que denota o participante tenha referência cumulativa e átomos/singularidades na sua denotação, o que acontece no caso dos meros plurais, mas não no dos indefinidos singulares ou cardinalizados.

Por fim, de referir que este operador apenas se combina com a versão do verbo que incorpora semanticamente o argumento relevante, permitindo assim que a expressão nominal seja interpretada como uma propriedade e esteja no escopo de qualquer operador que afete o verbo. Veja-se o exemplo (38b), de Van Geenhoven (2004:149), aqui numerado como (44):

- (44) *Minutsit // arllallit // attasaasat // toortarpai*
Minute-ABS-PL // several-ABL-PL // button-ABS-PL // push-repeatedly-
IND[+tr]-3SG.3PL.
He pushed different buttons repeatedly for several minutes

Quanto aos indefinidos singulares e cardinalizados, estes podem ser incorporados, mas como não são distribuíveis, não são compatíveis com o operador *FREQ-P*. A autora propõe que estas expressões nominais apenas se podem combinar com *FREQ*, uma versão puramente temporal do operador.

Esta hipótese sobre os pluracionais é usada, em Laca (2006), para explicar o valor semântico de certas construções com verbos aspetuais em Espanhol, nomeadamente *andar+ gerúndio* ou *ir + gerúndio*. Laca argumenta que a hipótese, tal como é formulada por Van Geenhoven, não pode ser aplicada a estas construções em Espanhol, na medida em que não consegue dar conta da possibilidade de leituras distributivas com expressões nominais definidas ou universalmente quantificadas, as quais, teoricamente, rejeitariam a incorporação semântica no verbo. Vejam-se os exemplos de Laca (2006:203), aqui numerados como (45) e (46):

- (45) El zorro anduvo matando las gallinas.
(46) Con el tiempo el club fue perdiendo (a) todos sus socios.

O mesmo se pode constatar em PE, com o PPC. Em (47), verifica-se a distribuição das entidades denotadas por “as galinhas do meu avô”, uma descrição definida, pelos subeventos denotados por “matar”. Os exemplos (48) a (50), adaptados para o PPC em PE, tal como (46), a partir de exemplos de Laca (2006), mostram que pode haver distribuição das entidades denotadas por expressões quantificadas universalmente.

- (47) A/Uma raposa tem matado as galinhas do meu avô.
(48) A/Uma raposa tem matado todas as galinhas do meu avô.
(49) O clube tem perdido todos os sócios.
(50) A Ana tem telefonado a cada um dos amigos.

Em suma, a proposta de Van Geenhoven, tal como é formulada, apenas dá conta de parte dos dados relativos ao PPC em PE.

2.2. Para uma explicação da iteração do PPC em PE

Outra hipótese de explicação do PPC em PE passa por considerar que este tempo gramatical não denota conjuntos ou somas de eventos do mesmo tipo, mas antes grupos, entendidos como entidades atômicas, à semelhança do que se passa, no domínio nominal, com os nomes coletivos. Assim, num exemplo como (47), é necessário que haja uma ligação entre o conjunto denotado por “as galinhas do meu avô” e o evento coletivo (formado por uma série de subeventos) denotado por “tem matado”, de forma a que haja uma ligação de cada subevento verbal a uma entidade do conjunto das galinhas.

As consequências da mudança de somas ou conjuntos de eventos para grupos de eventos seriam as seguintes. Em primeiro lugar, não seria necessária a incorporação do objeto direto, ou seja, não seria necessário que o objeto direto fosse interpretado como um predicado. Para além disso, não seria necessária uma ligação de todas as entidades denotadas pelo objeto direto ao evento coletivo. Por outras palavras, e considerando o exemplo (48), não seria necessário que todas as entidades que são “galinhas do meu avô” tivessem sido mortas.

Em Laca (2006), é feita a proposta de tratamento de perífrases com *andar* + *gerúndio* (e *ir* + *gerúndio*) em Espanhol, baseada na proposta de Van Geenhoven (2004), que pode, no nosso entender, ser alargada ao PPC em PE. Nesse trabalho, Laca defende que as perífrases com *andar* + *gerúndio* em Espanhol são predicados de grupos de eventos (pluralidade de eventos do tipo descrito pelo verbo básico), que requerem uma pluralidade de subintervalos verbais não sobrepostos (uma pluralidade de eventos verbais com tempos de duração não sobrepostos). Neste sentido, a autora propõe que, subjacente a estes verbos auxiliares, existe um operador de frequência com as seguintes condições de verdade:

$$(51) \text{FREQ-V}(\uparrow X) \Rightarrow \\ \text{card}(X) \geq n \ \& \ \forall e, e' \in X [V(e) \ \& \ V(e') \ \& \ \neg \tau(e) \circ \tau(e') \ \& \ \exists t (\tau(e) < t < \tau(e') \vee \\ \tau(e) > t > \tau(e')) \ \& \ \neg \exists e'' (V(e'') \ \& \ t = e'')] \\ \text{(Laca 2006: 212)}$$

Consideramos que esta proposta pode ser alargada ao PPC em PE, da seguinte forma. Tomemos, como exemplo, a frase (20), agora renumerada como (52).

(52) O rapaz tem atravessado a ponte sobre o Tejo de comboio.

De acordo com as condições de verdade indicadas em (51), o PPC comporta-se como um operador de frequência (silencioso) sobre conjuntos de eventos “atravessar a ponte sobre o Tejo de comboio”, criando um indivíduo atômico de tipo grupal (um coletivo de eventos), se (i) a quantidade de subeventos “atravessar a ponte sobre o Tejo de comboio” for igual ou superior a uma cardinalidade contextualmente determinada; (ii) todos os subeventos que formam o evento grupal forem denotados

por “atravessar a ponte sobre o Tejo de comboio”; (iii) não houver sobreposição temporal dos tempos de duração dos subeventos “atravessar a ponte sobre o Tejo de comboio” que formam o evento grupal; (iv) entre o tempo de duração de cada um dos subeventos existir um intervalo que não corresponda ao tempo de duração de um subevento denotado por “atravessar a ponte sobre o Tejo de comboio”.

Assim, o PPC em PE, de acordo com a nossa proposta, não denota uma mera pluralidade de eventualidades básicas, mas antes uma única eventualidade, de natureza grupal, formada pela iteração de eventualidades básicas, o que advoga no sentido de se proceder a uma distinção entre as noções de frequência e de iteração.

3. Proposta de explicação das restrições iniciais

A proposta formulada na secção anterior permite-nos avançar com algumas explicações para as restrições identificadas anteriormente, relacionadas com a leitura iterativa do PPC em PE.

Em primeiro lugar, ao requerer a criação de um evento grupal formado por uma série de subeventos do mesmo tipo, o PPC rejeita os predicados de indivíduo não faseáveis. De facto, sendo predicados de indivíduo, aplicam-se a indivíduos, e não a porções de indivíduos espaço-temporalmente delimitados; sendo não faseáveis, não podem receber, em certas circunstâncias, uma estrutura fásica e passar a processos. Por outras palavras, nunca podem denotar uma série de subeventos, o que justifica a sua impossibilidade de ocorrência no PPC com leitura iterativa. Note-se que esta explicação diz respeito apenas à leitura iterativa associada ao PPC, uma vez que os estados, sob certas condições, podem coocorrer com o PPC com leitura não iterativa, como se viu anteriormente.

Em segundo lugar, dado que o PPC cria um evento coletivo, não estão acessíveis para contagem os subeventos que formam esse evento coletivo através da contagem dos elementos que se ligam aos subeventos. Isto explica as restrições observadas relativamente à compatibilidade com quantificadores cardinais, quando estes ocorrem no objeto direto.

Uma possível objeção a esta explicação poderia ser a combinação do PPC com objetos diretos com o quantificador “todos os”. No entanto, verifica-se que o quantificador “cada” não é admitido nestas construções, apesar de ser também universal, mas com leitura exclusivamente distributiva. Contrariamente a este, “todos os” permite não só leitura distributiva, mas também leitura coletiva em PE. Quando se combina com o PPC, o conjunto de avaliação da cardinalidade do quantificador universal é delimitado pelo momento da enunciação, tempo a partir do qual se avalia também o PPC. Desta forma, a cardinalidade do conjunto denotado por “todos os”, em virtude da sua combinação com o PPC, pode variar no tempo.¹¹

Por último, dado que o PPC cria um evento coletivo, não estão acessíveis para

¹¹ Relativamente ao exemplo (48), se uma raposa matou o conjunto das galinhas do meu avô, é verdade que ela “tem matado todas as galinhas do meu avô”. Mas se, dois meses depois, ela tiver matado as 5 novas galinhas que o meu avô comprou (perfazendo um total de $n+5$ galinhas), continua a ser verdade que a raposa “tem matado todas as galinhas do meu avô”.

contagem os subeventos que formam esse evento coletivo através de expressões adverbiais que quantifiquem de uma forma exata sobre esses mesmos subeventos (cf. (53)); contudo, é possível a ocorrência de expressões de “frequência”, que são, de facto, “neutras” quanto à quantidade de subeventos que compõem o evento grupal. Por outras palavras, em (54), “três vezes por semana” não indica a quantidade de subeventos do evento grupal, mas a constituição interna de cada um desses subeventos, formados, cada um, por “três travessias da ponte”.

(53) * O rapaz tem atravessado a ponte sobre o Tejo três vezes.

(54) O rapaz tem atravessado a ponte sobre o Tejo três vezes por semana.

A incompatibilidade com o quantificador “cada”, já observada anteriormente, dever-se-á ao facto de, sendo exclusivamente distributivo, impedir a construção da eventualidade grupal denotada pelo PPC, quantificando apenas sobre os subeventos. Já o quantificador universal “todos os”, podendo ter tanto leitura distributiva como leitura coletiva, não impede a construção da eventualidade grupal, mantendo o mesmo comportamento já apontado no caso do objeto direto.

(55) * O rapaz tem atravessado a ponte sobre o Tejo cada dia.

(56) O rapaz tem atravessado a ponte sobre o Tejo todos os dias.

Em suma, as propriedades anteriormente indicadas indiciam fortemente que o PPC em PE cria um evento grupal de natureza cumulativa, isto é, uma série não delimitada de subeventos verbais da mesma natureza. Esta propriedade da cumulatividade permite também entender a leitura temporal de possível continuação da situação para além do tempo da enunciação, tal como acontece quando o PPC se combina com estados lexicais.

4. Alguns problemas remanescentes: PPC sem leitura iterativa

Embora este trabalho seja dedicado à leitura iterativa do PPC, não gostaríamos de terminar sem uma referência aos casos em que o PPC em PE não evidencia tal leitura. Recorde-se que estes são os casos em que a predicação básica é um estado, exceto estados de indivíduo não faseáveis, que, como vimos, não são compatíveis com PPC. Os estados de estádio e de indivíduo faseáveis podem ter uma leitura iterativa, em tudo igual à que surge com eventos, ou uma leitura de eventualidade única (sem iteração).

Uma possível explicação para esta dupla possibilidade de interpretação poderá ter a ver com aspetos relacionados com conhecimento do mundo. Retomemos um exemplo anterior, (27), agora renumerado como (57). A atribuição da leitura iterativa a (57a) e de eventualidade única a (57b) prende-se com os adverbiais que coocorrem e com o nosso conhecimento do mundo: o “estar no jardim nos últimos tempos”, aplicado a uma pessoa, dificilmente pode ser encarado como uma única situação, dado o que sabemos dos hábitos humanos. Contudo, “estar no jardim na última meia hora”, aplicado a uma pessoa, pode ser entendido como descrevendo uma única situação.

- (57) a. O rapaz tem estado no jardim nos últimos tempos.
b. O rapaz tem estado no jardim na última meia hora.

Uma outra questão prende-se com o facto de serem apenas os estados a permitir esta dupla leitura. Amaral & Howe (2012) referem que este é um comportamento típico dos estados no perfeito, não tecendo qualquer outra consideração sobre o assunto. Parece-nos, contudo, que esta questão não pode ser resolvida de maneira tão simples. Por um lado, como já foi apontado, o PPC tem, de certa forma, traços de imperfetividade (cf. (58)), pelo que fazer depender do perfeito a dupla leitura dos estados é, de certa forma, incompatível com esta peculiaridade do PPC.

- (58) O rapaz tem lido o livro → o rapaz (ainda) não acabou de ler o livro.

Para além disso, é pertinente o facto de haver um tipo de estado - o estado de indivíduo não faseável - que não pode ocorrer no PPC. Se a questão se prendesse apenas com a ambiguidade dos estados no perfeito, os estados de indivíduo não faseáveis poderiam ocorrer no PPC, mas apenas com a leitura de eventualidade única. Contudo, não é isso que acontece: os estados de indivíduo não faseáveis não podem ocorrer no PPC (cf. (59)) e, quando podem ocorrer no pretérito perfeito simples do indicativo, têm inequivocamente uma leitura de eventualidade única (cf. (60)).

- (59) * Magueijo tem sido um físico português.
(60) Newton foi um físico inglês.

Contudo, se assumirmos, tal como é defendido em Amaral & Howe (2012) que o PPC evoluiu a partir da construção resultativa, poderemos explicar este duplo comportamento dos estados invocando razões de ordem histórica. Assim, sendo a construção resultativa uma forma de expressar um estado (de tipo resultante ou consequente; cf. Moens, 1987), a leitura de eventualidade única dos estados, presentemente, corresponderia, de certa forma, à manutenção da leitura original das eventualidades. Por outras palavras, dado que a construção na origem do PPC denotava um tipo de estado, os estados, presentemente, podem denotar essa leitura antiga ou podem denotar a nova leitura (iterativa), própria do PPC, e que é a única disponível para os eventos.

Por último, é de salientar que a leitura iterativa do PPC em PE está dependente do facto de o ponto de perspetiva temporal ser o momento da enunciação. Quando não há esta coincidência, o PPC tem o mesmo valor que o pretérito perfeito simples, tal como acontece em outras línguas românicas. Uma proposta das condições de verdade do PPC em PE terá, sem dúvida, que ter em consideração esta e outras particularidades, anteriormente referidas, que põem em evidência a necessidade de uma articulação íntima entre tempo e aspeto na descrição deste tempo gramatical.

5. Conclusão

O PPC é um tempo que apresenta certas peculiaridades em PE que o distinguem inequivocamente de outras variedades e de construções similares em outras línguas. Este tempo gramatical tem sido objeto de particular atenção, na medida em que levanta questões que não são fáceis de responder.

Apresentámos, na primeira parte deste trabalho, uma caracterização do PPC em PE, pondo em evidência as suas interpretações possíveis, a relação que é estabelecida com o ponto de perspectiva temporal, a natureza do verbo que ocorre sistematicamente nesta construção (o verbo “ter”) e a do particípio verbal e ainda a relação do PPC com uma construção aparentada, *ter + particípio flexionado*.

Em relação à particularidade mais notória do PPC em PE, a iteratividade, identificámos, neste trabalho, as condições que permitem o seu surgimento: (i) o ponto de perspectiva temporal tem de ser o momento da enunciação; (ii) podem coocorrer com o PPC todas as classes aspetuais, exceto os estados de indivíduo não faseáveis; (iii) há restrições relativamente ao tipo de expressões que podem ocorrer como complemento direto ou como modificadores de tipo temporal, na medida em que o PPC é incompatível com a quantificação cardinal.

No sentido de explicar estes condicionalismos, propusemos, a partir dos trabalhos de Van Geenhoven (2004) e de Laca (2006), que a leitura iterativa do PPC em PE resulta da existência de um operador silencioso subjacente a este tempo gramatical. Este operador toma a eventualidade denotada pelo predicado verbal e projeta-a numa eventualidade de tipo grupal, formada pela iteração de eventos denotados por esse predicado verbal. Por outras palavras, o significado do PPC em PE não é o de uma pluralidade ou conjunto de eventualidades, mas o de uma única eventualidade, de tipo coletivo, formada por um número indeterminado de eventualidades básicas, denotadas pelo mesmo predicado verbal.